

A LINGUAGEM LITERÁRIA COMO EXERCÍCIO DE ALTERIDADE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS TRANSDISCIPLINARES NA FORMAÇÃO DE LEITORES EM TEMPOS DE INFORMÁTICA

Maria Tereza Amodeo

Doutora em Letras

Escola de Humanidades / Letras / Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul (PUCRS)

mtamodeo@pucrs.br

Compreender a vida é aprender a sua obscura linguagem.

Iuri Lotman

RESUMO

O artigo busca analisar a possibilidade do ensino da literatura em tempos de tecnologias da informação, tendo em vista as potencialidades da linguagem literária, sua relação com o mundo contemporâneo e os princípios que devem nortear ações pedagógicas para estimular a formação de leitores. A linguagem literária, por sua capacidade de instauração de realidades que dialogam com tempos e lugares, pode iluminar uma prática pedagógica transdisciplinar (NICOLESCU, 2008), em que o ser humano, tendo a oportunidade de associar a sua *ecologia cognitiva* (LEVY, 1993), deixa-se envolver por relações, num exercício de alteridade muito particular. Atuar inteligentemente na sociedade pressupõe uma ação integradora, pautada na pesquisa, na reflexão, na ação. É assim que se propõe o trabalho pedagógico a partir de projetos de ensino (MACHADO, 2002) que visem à construção de conexões, como forma de preparar o indivíduo para atuar de forma competente e crítica na realidade.

Palavras-chave: literatura, tecnologias da informação, ensino, transdisciplinaridade.

ABSTRACT

The article intends to analyze the possibility of teaching literature in times of information technologies, considering the potential of literary language, its relationship with the contemporary world and the principles that should guide pedagogical actions to stimulate the formation of readers. Literature, for its ability to establish realities that dialogue with times and places, can illuminate a transdisciplinary pedagogical practice (NICOLESCU, 2008), in which the human being, having the opportunity to associate his cognitive ecology (LEVY, 1993) is able to get involved in relationships, in a very particular exercise of otherness. To act intelligently in society presupposes an integrative action, based on research, reflection and action. This is how pedagogical work is proposed by means of teaching projects (MACHADO, 2002), which intends to prepare people to make connections, as a way of preparing them to act competently and critically in reality.

Keywords: literature, information technologies, teaching, transdisciplinary.

1. ENTRE BITS E BYTES

Em tempos de *Google, Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Skype, Snapchat, Tinder, Youtube, Pokémon Go, and so on*, inseridos (até dominados ou dirigidos) que estamos nesse universo de tantos recursos e possibilidades oferecidas pelas tecnologias da informação, impõe-se a pergunta – inevitável para aqueles que, mais do que apreciarem literatura, estão comprometidos com a formação de indivíduos livres, independentes e solidários e acreditam que a arte é uma forma de linguagem que leva à humanização: *é possível “ensinar” literatura em tempos tão avessos ao que se constitui a especificidade dessa arte?*

Sentados em nossa cadeira, podemos viajar à velocidade máxima permitida pela Natureza: a velocidade da luz. O tamanho da Terra reduz-se progressivamente a um ponto: o centro de nossa consciência. Devido ao casamento insólito entre nosso corpo e a máquina da informática, podemos modificar livremente nossas sensações até criarmos uma realidade virtual, aparentemente mais verdadeira que a realidade de nossos órgãos dos sentidos (NICOLESCU, 2008, p. 17).

Essas realidades virtuais criadas pelos indivíduos contemporâneos têm, cada vez mais, assumido contornos e proposições inusitadas. A literatura certamente é atingida por esses processos, tanto no que se refere às formas de criação, de produção, de veiculação, como, também, de recepção. Cada um desses aspectos poderia ser examinado, tendo em vista tais influências. Neste artigo, entretanto, interessa analisar em que medida o indivíduo

contemporâneo, em especial aquele que ainda está nos bancos escolares, pode-se apropriar da linguagem literária, tornando-se leitor nesse contexto, em especial pela intervenção de processos pedagógicos, considerando a possibilidade de a literatura, dadas as suas características, estimular o exercício da liberdade. Para tanto, propõe-se refletir sobre as potencialidades e as especificidades da linguagem literária, sua relação com o mundo contemporâneo e os princípios que devem nortear ações pedagógicas possíveis.

2. SOBRE CÂNONES E TELAS

Apesar do discurso generalizado acerca da importância da leitura literária, veiculado pelos mais diferentes órgãos de comunicação, setores educacionais e pela sociedade em geral, não existem, no Brasil, pesquisas atualizadas para avaliar como (e se) se lê literatura hoje. Mesmo que veiculada pela *internet* em inúmeros *sites*, páginas oficiais de autores, *blogs*, etc. – e pelo meio impresso –, é realmente difícil examinar como os indivíduos têm (e se, e como) contato com a literatura.

Nesse universo, novos e qualificados autores surgem a cada dia. Eventos literários, promovidos por livrarias, editoras, escolas, órgãos governamentais, grupos organizados via rede digital multiplicam-se. Oficinas literárias pululam pelo país. Cursos de formação em Escrita Criativa, tanto em nível de graduação como de pós-graduação evidenciam o interesse pela produção literária e pela profissionalização da área. Tais iniciativas/realizações revelam a relevância da literatura, pelo menos para um *certo* grupo da sociedade – também difícil de

delimitar. O fato é que os novos escritores tratam de temas do nosso tempo, que, de uma forma ou de outra, movem os indivíduos marcados pelo universo cibernético. E a pergunta que se impõe: por que essa produção contemporânea é praticamente ignorada pelos leitores em fase de formação e, também, por seus professores?

À escola, por meio da ação dos docentes, das séries iniciais do Ensino Fundamental e, em especial, os da área de Letras, que atuam nas séries finais e no Ensino Médio, é atribuída a tarefa de formar leitores. Muitas vezes despreparados – ou até (não) mais leitores –, agem como se estivessem na contramão da História: exigem dos jovens, que, na sua grande maioria, têm por experiência significativa de leitura aquilo que a vista alcança na tela – não mais a do computador, mas a do celular – a leitura dos cânones da literatura, distantes cultural e temporalmente. Obviamente, a leitura dos cânones, que guardam nossa memória, nossa riqueza cultural, precisa ser estimulada, mas isso deve ocorrer a partir de princípios que considerem enfaticamente o contexto em que os indivíduos estão inseridos. Do contrário, só leva ao afastamento, à rejeição, como se pode constatar, se observados os hábitos e gostos de leitura dos jovens e adultos que frequentam as escolas brasileiras ou são egressos delas.

O fato é que, mesmo que preocupados com a formação de leitores críticos, fluentes, autônomos, capazes de compreender as possíveis e, por vezes imprevisíveis, dimensões do texto literário, muitos professores, porque desatualizados ou desestimulados, valem-se de suas próprias experiências de leitura, realizadas ainda nos bancos escolares e/ou universitários, sem estabelecer vínculos entre o universo dos alunos e os textos literários.

Inclusive alguns, imbuídos da missão de promover a leitura da literatura, seguidamente recorrem a estratégias mirabolantes para que seus alunos leiam as obras consideradas *adequadas*, nem sempre fazendo valer as especificidades/potencialidades da linguagem literária.

3. A NECESSIDADE DE ARTE

Se consideradas as tantas possibilidades inerentes à linguagem literária, talvez a resposta para a questão proposta inicialmente possa começar a se formalizar. A literatura é capaz de ordenar processos cognitivos, transformar o caos em cosmos, reatualizar mitos, problematizar códigos sociais, permitir a emancipação do indivíduo por meio da valorização da liberdade, acionar potencialidades criativas, desautomatizar o olhar acerca do real, desenvolver o imaginário por meio da fantasia, permitir o diálogo consigo e com o mundo, aprofundar a condição humana, ampliar horizontes de expectativas, promover a fruição, proporcionar o conhecimento de si e da própria sensibilidade.

Tais potencialidades parecem suficientes para que um trabalho pedagógico de estímulo à formação de leitores se justifique, entretanto essas são conjeturas, conclusões, inferências feitas por aqueles que já viveram/vivem a experiência visceral com a literatura – impossíveis de serem mensuradas, pelo menos até o presente momento. Talvez daí decorra a falta de familiaridade dos indivíduos contemporâneos com o texto literário – de modo geral perceptível por professores, pais e educadores.

Se considerado o conhecimento apenas tendo em vista as proposições lógicas do pensamento, por meio das vias mais diretas, as disciplinas, é fácil qualificar o tipo de conhecimento adquirido pela leitura da literatura como uma forma de saber inferior, porque pouco preciso, científico – visão já muito defendida por alguns pensadores. Ler literatura não traz resultados imediatos, prontos, calculáveis neste universo do capital em que estamos submersos, entretanto, dá respostas e/ou abre caminhos para atender à *necessidade de arte* como elemento essencial – e não obrigatório – da vida humana, conforme aponta Iuri Lotman (1978). Sem se constituir como uma atividade vital, da qual o ser humano necessite para a sua sobrevivência, nem mesmo como uma estrutura social imposta, a necessidade de arte emana de uma força não mensurável, porque responde à necessidade do saber.

“A arte é um gerador notavelmente bem organizado de linguagens de um tipo particular, que prestam à humanidade um serviço insubstituível ao ser aplicada a um dos lados mais complexos do saber Humano e ainda não completamente esclarecidos no seu mecanismo” (LOTMAN, 1978, p. 85). É saber de outra ordem, aquele que não busca a generalização, mas o particular, a sutileza, a expressão, o desejo e tudo mais que não pode ser classificado ou quantificado. Esse é o material da arte, que assume linguagens e formatos muito diversos ao longo dos tempos: não se conhece na história da humanidade nenhuma sociedade que não possua a *sua* arte.

É verdade que essa necessidade, que acompanha o homem desde os primórdios, tem percorrido caminhos inusitados na contemporaneidade. E as próprias e inúmeras possibilidades das tecnologias de informação deste mundo globalizado têm promovido

novas relações culturais e, por conseguinte, novas formas artísticas, marcadas por um hibridismo por vezes desconcertante para aqueles olhos mais afinados com a visão apocalíptica que Umberto Eco já caracterizava na última década do século XX (1993), centrada num purismo anacrônico – ainda vigente em pleno século XXI –, que não reconhece valor artístico nessas novas morfologias que, de certa maneira, dessacralizam a arte canônica.

4. LITERATURA PARA CONSTRUIR

É nesse contexto que o livro, no seu formato tradicional, convive com tantas outras modalidades culturais marcadas pelas ricas e inusitadas tecnologias da informação (o que parece exigir uma reconfiguração do próprio conceito de arte), que ao buscar a resposta para pergunta inicial – é possível *ensinar literatura?* –, impõe saber no que consiste esse *ensinar*. Ainda: faz sentido ler literatura nos tempos que correm?

Partindo-se do princípio de que cabe ao professor formar leitores competentes, constata-se, numa rápida mirada para a produção bibliográfica acerca do tema, um resultado muito expressivo, tanto em termos quantitativos como qualitativos. São livros, artigos, dissertações e teses voltados para a formação de leitores de literatura que se multiplicam em profusão pelo país, entretanto, numa observação *in loco* das atividades realizadas nas escolas brasileiras – tanto as públicas como as privadas – percebe-se que predominam práticas/proposições estruturalistas, concebidas numa perspectiva redutora,

simplista, que ignoram a complexidade dos fenômenos culturais contemporâneos, assim como as particularidades da linguagem literária, trazendo como resultado a rejeição à leitura da literatura por parte de estudantes e egressos das escolas.

Para que se pense qualquer proposta de ensino da literatura hoje, deve-se ter em vista o controverso – porque plural, fecundo e, ao mesmo tempo, dispersivo – universo cultural que nos cerca. É dessa forma que se configura o nosso tempo, orientando perspectivas, definindo mentalidades e influenciando as escolhas de todo tipo. Mesmo que alguns considerem, por vezes, como superficiais, genéricas, fúteis ou inócuas as informações obtidas pelos “novos” meios, é forçoso admitir que elas nos remetem a outras realidades, a outras imagens, enfim, a outros textos, linguagens, criando conexões com inúmeros constructos culturais.

É preciso considerar os “novos gestos de leitura de diferentes suportes, materiais, texturas, configurações textuais, etc. num movimento de apropriação das novas tecnologias” (BARRETO, 2001, p. 199-200). Esse movimento, que abarca uma visão mais ampla do conhecimento e, por conseguinte, da leitura na contemporaneidade pode encontrar resistência por parte daqueles que defendem a posição sacralizada do texto literário. O alargamento da visão do conhecimento encontra respaldo na perspectiva transdisciplinar – conceito equivocadamente compreendido por alguns. Segundo o físico Basarab Nicolescu, a abordagem transdisciplinar surge da “necessidade de responder aos desafios sem precedentes de um mundo perturbado como o nosso” (2008, p. 11).

As ideias do autor parecem ainda emergentes, embora formalizadas, em 1994, em *O manifesto da transdisciplinaridade*. Referindo-se às duas grandes revelações do século XX – a quântica e a informática – o autor salienta que o ser humano dispõe de infinitas possibilidades, tanto construtivas, como destrutivas, contudo, apesar do radical avanço do conhecimento no século XX (o que se ampliou absurdamente nestas primeiras décadas do XXI), “como se explica que quanto mais compreendemos do que somos feitos, menos compreendemos *quem* somos? Como se explica que a proliferação acelerada das disciplinas torne cada vez mais ilusória toda unidade do conhecimento?” (NICOLESCU, 2008, p. 16).

Segundo o autor, a humanidade “pela primeira vez em sua história, tem a possibilidade de destruir a si mesma inteiramente, sem nenhuma possibilidade de retorno”, numa tripla dimensão: “material, biológica e espiritual” (p. 16-7). São as armas nucleares, ou a possibilidade de modificação do patrimônio genético da espécie humana e, ainda, a manipulação de consciências via tecnologias da informática. Enfim, é nesse contexto que se propõe a leitura da literatura, não como forma terapêutica para *curar o mundo doente*, mas apostando na sua função formadora, conforme Regina Zilberman (2005). A arte literária sempre tem a intenção de formar pela sensibilização, pela reflexão, quando é capaz de suspender a realidade, dando ao leitor a possibilidade de abstrair-se de sua própria realidade ou, pelo menos, vê-la a partir de diferentes perspectivas, num exercício de alteridade muito peculiar, portanto, numa perspectiva humanista.

É a *presença construída* da literatura, na acepção do semiólogo francês Eric Landowski (2002), que materializa contextos metonímicos que se impõem de forma legítima,

relacionando-se com a possibilidade da arte de “representar e dramatizar as contradições sociais, as feiuras desta vida, ao lado de suas belezas, as fraquezas humanas, ao lado das suas fortalezas, como toda a grande arte até aqui fez” (CHIAPPINI, 2002, p. 49). Assim, independentemente da origem, classe social, gênero, sexo, etnia dos personagens e dos leitores, a literatura, ratificando ou rejeitando estereótipos, lida com a complexidade de cada tempo. Daí a importância da intervenção docente, que promove a reflexão das realidades construídas pela literatura, a partir da leitura possível dos leitores, problematizando as visões dos autores das diferentes épocas.

5. MANIFESTANDO A TRANSDICCIPLINARIDADE

Mesmo sem a possibilidade de mensurar os efeitos da literatura no ser humano (o que, não se duvide, que em algum tempo possa ser possível, tendo em vista o avanço dos diagnósticos por imagem), a forma como ela se organiza consiste num exercício simultâneo de racionalização e de sensibilização, em que diferentes realidades se conjugam num todo. Numa perspectiva transdisciplinar, a literatura de certa forma protagoniza – ou mimetiza – aquilo que ocorre na realidade. A realidade é resultado tanto de uma *construção social*, o *consenso de uma coletividade*, como um *acordo intersubjetivo* e, mais do que tudo isso, um acordo transubjetivo entre autor e leitor, considerando-se a percepção de Nicolescu (2008) – o que pode ser associado à *realidade* da literatura.

A arte literária constrói universos ficcionais autônomos – no caso da prosa – e contextos eminentemente imagéticos e rítmicos – como os da poesia – de forte sentido imaginativo e apelo estético, por meio de elementos articulados de forma coerente e altamente organizada, em que a representação/expressão de questões atinentes ao homem é oferecida ao leitor de forma convincente e sedutora, marcada pela metaforicidade de ser, própria do mito, que institui, que inaugura (MIELIETINSKI, 1987).

O caráter globalizante do mito inerente ao texto literário oferece uma realidade sem a compartimentalização disciplinar. Mesmo que o texto seja fragmentado, como é frequente nas narrativas e poéticas contemporâneas, existe um projeto, um plano de seu autor que, de alguma forma, remete a uma totalidade programática, ou, ainda, a uma potencialidade linguística a ser dinamizada pelo leitor. Assim, a literatura – independente da época – é campo fértil para a reflexão do indivíduo sobre si mesmo e o outro, numa perspectiva transdisciplinar, conforme Basarab Nicolescu em sua obra sobre o tema.

O Manifesto da Transdisciplinaridade, ao estabelecer uma profunda crítica ao processo de fragmentação do conhecimento, sugere abordagens alicerçadas na compreensão das múltiplas dimensões da realidade. Assim, ao projetar uma nova concepção do mundo e da vida, a transdisciplinaridade procura transgredir as falsas dualidades entre “sujeito/objeto, subjetividade/objetividade, matéria/consciência, natureza/divino, simplicidade/complexidade, reducionismo/holismo, diversidade/unidade, com o reconhecimento da existência de complexas pluralidades no mundo da vida (SILVA, 2007, p. 137).

Os elementos caracterizadores da transdisciplinaridade pressupõem a compreensão das múltiplas dimensões da realidade como forma de abordagem. Assim é que se entende a literatura, na sua essência, como transdisciplinar. Ela oferece uma dinâmica de pertencimento a diferentes níveis da realidade. Ela se abre para leituras várias, mas não necessariamente opostas. Mesmo aquele tipo de literatura produzida em períodos marcados por uma perspectiva dual, colonialista, reforçadora de estereótipos, como bem discute Homi Bhabha em *O local da cultura* (1998), o leitor, imprimindo sua perspectiva, aciona os seus próprios referentes para compreendê-la. A arte literária provoca, desacomoda, enfim, dialoga com seu leitor.

6. O ORIGINAL OU O POLITICAMENTE CORRETO: PAUSA PARA UM EXEMPLO

“Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros” (LOBATO, 1994, p. 23). A polêmica que há alguns anos se instaurou sobre a obra de Monteiro Lobato, e seguidamente volta à baila, é elucidativa da questão em pauta. O autor, que se refere à Tia Nastácia como negra por mais de cinquenta vezes em *Reinações de Narizinho* (2002), é acusado de racista. Instaurou-se, assim, o debate entre dois grupos. Aqueles que, alegando que tais obras estimulam o racismo, são desfavoráveis à sua circulação nas escolas. Adaptações, transformações

politicamente corretas talvez fossem aceitas. Por outro lado, há a defesa da obra na sua integralidade, na sua originalidade. Nesse caso, todo o universo imagético, tão habilmente instaurado por Lobato, que legou à literatura infantil brasileira tantos princípios, seria preservado, a despeito da ideologia de seu autor.

Em qualquer processo cognitivo – o que inclui a leitura da literatura – ocorre um acionamento de referências do indivíduo de toda ordem, sejam elas históricas, linguísticas, psicológicas, sexuais, etc., que se organizam de formas muito particulares diante dos estímulos externos, acionando associações em rede, e não de forma linear, como tradicionalmente se acreditava e a escola até hoje parece valorizar. E as associações são, por isso, diferentes de pessoa para pessoa diante das mesmas situações, motivações. Aciona-se, assim, o que Pierre Levy (1993) denomina de *ecologia cognitiva*. É, pois, do cruzamento de redes associativas que o indivíduo infere sentidos em qualquer situação de aprendizagem. Em relação à literatura, que explora ao limite as possibilidades metafóricas da linguagem, o processo se dá de forma muito intensa e plural.

Assim, os tais textos de Lobato, lidos, hoje, por exemplo, por uma criança exposta à frequente problematização do preconceito racial pelas mídias, aplicativos, programas de televisão, manifestações públicas, situações cotidianas de *bullying*, vividas, discutidas ou até sofridas terá muitas chances de fazer uma leitura crítica. A intervenção do professor, que aciona sentidos e relações possíveis, considerando a organicidade do texto literário e das conexões de ordem histórica que ele estabelece, poderá contribuir para promover uma

leitura mais competente do texto, ampliando as associações feitas pelo leitor, de variada ordem, de acordo com os arranjos permitidos por sua *ecologia cognitiva*.

7. PRINCÍPIOS: CAMINHOS

Freqüentemente, vista como uma disciplina na escola de ensino básico – e não como arte da escrita –, a Literatura é concebida de forma isolada, focalizando os elementos estruturais, estilísticos recorrentes, como se fosse examinado apenas o esqueleto de um corpo humano, excluindo outras partes constitutivas e, mais importante que isso, o funcionamento das partes em relação umas às outras – seguindo-se, assim, a tendência da especialização moderna.

A respeito do ensino da literatura, Tzevan Todorov questiona:

ao ensinar uma disciplina, a ênfase deve recair sobre a disciplina em si ou sobre seu objeto? (...) devemos estudar, em primeiro lugar, os métodos de análise, ilustrados com a ajuda de diversas obras? Ou estudamos obras consideradas essenciais, utilizando os mais variados métodos? (2009, p. 27).

Numa perspectiva transdisciplinar, concebe-se a literatura como um todo em relação, a que diferentes elementos, das mais diversas áreas acorrem para a constituição da sua totalidade. Assim é que práticas que focalizam o texto literário como pretexto do ensino de regras gramaticais, ou de temas de outras áreas, assim como o dogmatismo do

enquadramento nos períodos literários e os questionamentos que impedem o diálogo do leitor com o texto devem ser rejeitadas. Para que o valor estético da obra seja apreciado, percebendo-se as dimensões dessa linguagem, e o gosto pela leitura da literatura, desenvolvido com vistas à emancipação do indivíduo, tais práticas precisam ser abolidas. Do contrário, não se respeita a natureza própria do literário.

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo (TODOROV, 2009, p. 32-3).

Para que reais acordos transdisciplinares se realizem, as diferentes áreas do conhecimento necessitam compreensão em suas especificidades, mas, também, em relação, em diálogo. Os elementos específicos de cada área se veem como *mapas norteadores* (MACHADO, 2002), sem perder a conexão com a realidade, com o todo, com o avanço da ciência e da tecnologia, estimulando as conexões, fugindo do isolamento em compartimentos estanques, incomunicáveis, da mesma forma, respeitando e promovendo os arranjos individuais, as diferentes ecologias cognitivas.

A ânsia por métodos, receitas de como proceder para ministrar aulas de literatura leva a estruturas estanques, que se esgotam diante da diversidade que a literatura oferece,

impedindo o processo de formação de leitores. É preciso que se estabeleçam princípios norteadores de práticas docentes que encaminhem a revisão dos paradigmas engessados da escola tradicional em busca da dinamização de uma ação que respeite o processamento da informação em rede.

A proposição de princípios e não de práticas que levem a um método se explica, pois não há um caminho específico para abordar o texto literário em sala de aula. É preciso olhar para o objeto em relação ao sujeito que o produz e aquele que o *consome*, observando “um princípio de conhecimento que não apenas respeite, mas revele o mistério das coisas. (...) é preciso caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha” (MORIN, 2005, p. 36). O “a-método” de Edgar Morin explica a abordagem proposta como forma de respeitar o princípio de liberdade inerente à arte literária. É, pois, do texto que emerge qualquer proposta pedagógica com a literatura e para o texto que se volta. “O método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo se transforma em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método” (MORIN, 2005, p. 36).

Assim, como esclarece o autor, não existe um método, mas um fazer que se organiza a partir da especificidade própria do objeto em questão, no caso, o texto literário. Organizar o trabalho pedagógico com vistas a formar leitores é acreditar na capacidade da linguagem literária de construir indivíduos pensantes, livres e emancipados. O trabalho deve envolver a escolha de obras que farão parte do acervo básico dos alunos, criando pontos de associação,

de aproximação, entre o leitor e o mundo – este mundo movido por códigos, procedimentos e imagens que determinam processos cognitivos fragmentados e inconsistentes.

8. O ACONTECIMENTO PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO DOS INDIVÍDUOS

Em qualquer tempo ou lugar, sem prescindir de seu papel, ao professor cabe a organização do trabalho com vistas a promover o estudante, a prepará-lo para a vida a partir de suas próprias potencialidades. Conhecer o acervo canônico da literatura para indicar leituras é importante, mas também sintonizar-se aos tempos que correm, buscando conhecer a produção literária contemporânea, que discute as idiosincrasias da época. Da mesma forma, é necessário o conhecimento de outras modalidades culturais a que os seus alunos estejam expostos para que estabeleçam conexões. E, nesse sentido, o professor hoje dispõe de uma infinidade de possibilidades oferecidas pelas redes digitais, que permitem a atualização ágil, econômica e qualificada.

Philippe Meirieu (2006) afirma que todo o trabalho docente se orienta para o que denomina de *acontecimento pedagógico*, aquilo que ocorre quando se percebe uma conexão entre o(s) aluno(s) e o objeto de aprendizagem. Assim, é preciso seguir a lógica natural das aprendizagens do mundo real, partindo do próximo para o distante, do concreto para o abstrato, do simples para o complexo, estabelecendo conexões por meio de

processos associativos em rede, promovendo desafios, por meio do trabalho organizado por projetos de ensino.

A escola precisa ensinar o indivíduo a projetar – a construir de forma criativa, reflexiva e inteligente as suas ações: “a inteligência encontra-se diretamente associada à capacidade de ter projetos; a partir deles, dados, informações, conhecimentos são mobilizados” (MACHADO, 2002, p. 68). Práticas centradas em listas de conteúdos, nomes, características esquematizadas, empilhadas, sem nenhum sentido para a vida não formam indivíduos reflexivos, diligentes, críticos. É preciso um olhar para o próprio tempo, mas em conexão.

A contemporaneidade (...) é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

A literatura, por sua capacidade de instauração de realidades que dialogam com tempos e lugares, pode iluminar uma prática pedagógica transdisciplinar, em que o sujeito, tendo a oportunidade de associar a sua ecologia cognitiva de forma plena, se deixa envolver por relações, num exercício de alteridade muito particular – resultado da linguagem explorada em toda a sua dimensão.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BARRETO, Raquel Goulart. As novas tecnologias e implicações na formação do leitor-professor. In: MARINHO, Marildes. (Org.). *Ler e navegar: espaços percursos de leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CHIAPPINI, Ligia. Multiculturalismo e identidade nacional. In: MARTINS, Maria Helena. *Fronteiras culturais*. São Paulo: Ateliê Editoria, 2002.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto literário*. Lisboa: Estampa, 1978.
- MACHADO, Nilson José Machado. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MEIRIEU, Philippe. *Carta a um jovem professor*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MIELIETINSKI, Eleazar. *A poética do mito*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MORIN, Edgar. *O método I: a natureza da natureza*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- NICOLESCU, Basarab. *Manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Centro de Estudos Marina e Martin Harvey Editorial e Comercial Ltda, 2008.
- SILVA, Carlos Alberto Pereira. O Manifesto da Transdisciplinaridade. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 32, abril de 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Editores, 2005.

Recebido em 30 de julho de 2017.

Aceite em 28 de setembro 2017.

Como citar este artigo:

AMODEO, Maria Tereza. A linguagem literária como exercício de alteridade: práticas pedagógicas transdisciplinares na formação de leitores em tempos de informática. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 25, jul.-dez. 2017, pp. 206-225. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num25/dossie/palimpsesto25dossie01.pdf> >. Acesso em: **dd mmm. aaaa**. ISSN: 1809-3507